

## PRAÇA DA SÉ, VERSÃO 78

A paisagem de granito e verde está pronta: sexta-feira última, após seis anos de obras, foram inauguradas a nova praça da Sé no centro de São Paulo e sua estação do metrô, que reúne as linhas Norte-Sul e Leste-Oeste. A paisagem humana da nova praça, entretanto, ainda levará tempo para ser definida: prevê-se que, quando a linha Leste-Oeste do metrô estiver pronta, 80 000 pessoas circularão por hora nos dias úteis pela praça em que há apenas 250 bancos de madeira – estando previsto, portanto que a praça é um lugar muito mais de passagem que de convivência. Ainda assim, são 50 000 metros quadrados de área com 18 000 dos quais ocupados por gramados e árvores – palmeiras, ipês, chorões e tipuanas - , e um lago de 2 000 metros quadrados, além de quedas-d'água em cinco níveis. Há possibilidade, portanto, de a praça tornar-se lugar de passeio nos fins de semana e talvez até mesmo durante a semana voltem a formar-se as “rodinhas” tão características da praça da Sé antiga.

Vontade para isso não falta. Tão logo foram retirados os tapumes, uma população eclética começou a tomar conta da praça: comerciários, bancários, mascates, engraxates, vendedores de bilhetes de loteria, comerciantes, advogados e estudantes. Estavam ali, principalmente, os frequentadores mais característicos da praça da Sé de outros tempos, os formadores da “opinião da praça”: aposentados e desocupados. Das conversas entre esses cidadãos é que no passado se formava uma visão coerente da vida de São Paulo, transmitida depois em casa aos parentes, que, por trabalharem ou estudarem, não tinham tempo para formular uma consciência ampla da problemática urbana. Esses aposentados e desocupados passaram todos esses anos de obras, cercados por tapumes de 2 metros de altura, sem ter outro assunto a não ser a própria construção. Encarapitados nos degraus da entrada principal da Catedral, eles formaram o que os engenheiros da obra chamaram de a “torcida”. Agora, porém, preparam-se para recuperar o espaço perdido.

**Maracanã subterrâneo** – Durante esses anos de observações das obras aposentados e desocupados tiveram muita coisa para ver: um total de 150 000 viagens de caminhão para retirar 380 000 metros cúbicos de terra de até 27 metros de profundidade, trabalhos de contenção de dois lençóis de água, um a 5 e outro a 15 metros de fundo. Na estação do metrô, que tem cinco níveis – de 4 metros acima da superfície a 27 abaixo -, empregou-se um volume de concreto armado superior em 10% ao que foi usado para construir o estádio do Maracanã, num total de 90 000 metros cúbicos. Ainda na estação foram utilizados 10 000 toneladas de aço. 5 000 de perfis metálicos. 50 000 metros quadrados de impermeabilização, tudo coroado por uma cúpula de 10 metros de diâmetro de vidro laminado para iluminação natural dos níveis subterrâneos.

O grandioso espetáculo das obras contou com 2 500 operários nas épocas de maior incorporação de mão-de-obra e a praça da Sé chegou a ser comparada a “uma Itaipu urbana”. Tudo isso representa uma nova fase na história da praça da Sé, iniciada em 1555, quando os bandeirantes, que se dirigiam ao sertão em busca de ouro e índios, sentiam necessidade de alargar o velho adro da igreja matriz de São Paulo - uma pequena capela rodeada por casinhas de taipa e muros de defesa contra ataques de índios. Assim, já naquela época, o então largo da Sé era local de passagem obrigatório e, no correr das décadas, os comerciantes mais ricos foram ali se instalando. Na segunda metade do século passado, o largo passou a ser centro cultural, nele estando localizadas tipografias, livrarias, sebos, professores, repúblicas de estudantes.

**Conhecimento inútil** – Em 1900, chegaram juntos à praça os automóveis e os bondes, iniciando-se assim uma história de setenta anos como centro de transportes coletivos. Dezenas de linhas de bondes e mais tarde ônibus passaram a ter ponto inicial na velha praça. Ainda na primeira década do século foram iniciadas as obras da Catedral de São Paulo, inaugurada em 1954 sem as duas torres, que só ficaram prontas em 1969. Era o retorno à condição de centro católico da cidade enquanto, ao lado, a Clóvis Beviláqua (agora engolida pela nova Sé) impunha-se como centro jurídico, com o Palácio da Justiça. A vocação política da praça da Sé manifestar-se-ia principalmente na Revolução de 1932, quando ela se tornou palco de comícios. Mais tarde nela se realizou, ainda antes do Estado Novo, o mais violento conflito político da história de São Paulo, quando se enfrentaram a bala comunistas e integralistas.

Depois do Estado Novo, as atividades políticas intensificaram-se culminando com o grande comício realizado pela Federação das Sociedades Amigos de Bairros e Vilas de São Paulo. Seria o último do período pré-1964, com vinte oradores que falavam contra a “carestia”, sobre Cuba, Angola, política externa e feiras livres. Logo depois, a Sé abrigaria a Marcha da Família. Depois de 1964, houve duas manifestações políticas de maior expressão na praça da Sé. Em 1968, num comício de 1.º de Maio convocado pelo então governador Abreu Sodré, o público apedrejou o palanque das autoridades.

E em 1975, houve a missa de sétimo dia pelo jornalista Vladimir Herzog, encontrado morto no DOI-CODI. Mas a praça da Sé também teve importância artística e sindical, ambas centralizadas num prédio inaugurado em 1925 e demolido em 1971, o Edifício Santa Helena, onde se localizaram os ateliês de pintura do chamado Grupo Santa Helena, que incluía, por exemplo, o pintor Alfredo Volpi, e onde foram fundados os sindicatos do Têxteis e dos Metalúrgicos. De toda essa história da praça, seus freqüentadores guardam conhecimentos agora inúteis. Na Livraria Agir Odilon Martins, 67 anos, sabe até hoje de cor números e nomes das linhas de bonde: “1-Paula Sousa, 28 - Aclimação”, diz ele.

**Obra condicionada** – Em janeiro de 1972, finalmente, começaram as obras da nova praça. “Meus cabelos brancos aumentaram muito aqui”, diz o chefe do canteiro de obras da estação da Sé do metrô, engenheiro René Correa Pierre, 40 anos. Para ele, o grande desafio foi realizar uma obra gigantesca em pleno centro urbano. Por exemplo, por causa das grandes escavações, nesses anos todos, mediu-se a oscilação das estruturas do Palácio da Justiça e da Catedral, a cada seis horas. Antes de cravar cada estaca, era necessária uma prospecção para localizar redes de água, luz, gás ou telefone. Essas redes, segundo o presidente da Empresa Municipal de Urbanização (Emurb), Ernest Mange, foram uma das limitações do projeto urbanístico.

Além disso, a praça da Sé foi condicionada pelo fato de o metrô já ter definido os pontos de acesso da estação e pelo próprio fato de tratar-se de uma praça sobre uma estação de metrô. A escolha das áreas verdes, por exemplo, dependeu do que restou da espessura do solo. A praça ficou com um desnível muito acentuado, de 7 metros entre seu ponto mais alto e o mais baixo. Assim, a praça da Sé ficou composta em duas divisões: a praça cívica, em queda contínua defronte à Catedral, e a outra, onde foi fixado o Marco Zero da cidade (demarcado já em 1769). Diante da Catedral há espaço para missas campais – outra das tradições da praça da Sé - e quem sabe até para

comícios. Toda a área foi dividida em minipraças com escadas de no máximo sete degraus e, como reconhece Mange, talvez venham a se verificar deficiências várias com o dia-a-dia do lugar - “mas, nas condições em que fomos obrigados a trabalhar, saiu muito bem”.

**Sambas futuros?** – O processo de popularização da praça da Sé, que varreu de lá o comércio fino, certamente terá novo impulso agora, pois ela deverá retomar o papel da praça Clóvis Beviláqua e do parque Dom Pedro II como ponto de passagem obrigatório dos habitantes da zona leste da cidade, a mais proletária. Mas o colorido humano da nova praça terá outros tons além dos populares. Lá haverá lojas freqüentadas por intelectuais, como a livraria de João Francisco Gazeau, 76 anos, um imenso sebo com 100 000 volumes de livros usados. Acariciando seu gato branco “Clarimundo”. Gazeau, que viu o lançamento da pedra fundamental da Catedral, afirma: “Isso aqui foi e continuará sendo o coração da cidade. Tem sempre de existir um centro”. De fato, tudo indica que aposentados e desocupados terão sob seus olhos um espetáculo variado: Catedral, Palácio da Justiça serão certamente foco de presenças interessantes, na medida em que a sociedade civil brasileira retoma suas forças. Além da estação do metrô, na nova Sé localiza-se um grande terminal de ônibus. Muita gente assim, das mais diversas camadas sociais, coma qual aposentados e desocupados poderão conversar para refazer a imagem da cidade.

Como no passado, eles transmitirão essa imagem aos outros habitantes da cidade, ali mesmo em conversas na praça e também em casa. Afinal, antes mesmo de nascer, a nova praça já era objeto de samba do compositor mais característico de São Paulo, Adoniran Barbosa. O samba diz: “Praça da Sé, Praça da Sé/ Hoje você é Madame Estação Sé/ Quem te conheceu alguns anos atrás como eu te conheci/ Nem te conhece mais”. Certamente, os versos restantes de Adoniran falam do passado. O futuro da praça da Sé fica para novos sambas.

**Crédito:** Revista Veja/Editora Abril

**Fonte:** Revista *Veja*, edição 494, 22 fev.1978, p.76 a 78